

# O salto da educação a distância

Vivianne Rocha

Estudar sozinho, em casa, não é exatamente uma novidade. Do autodidata ao aluno por correspondência, a sociedade desfruta há um bom tempo de várias formas de auto-instrução: televisão, rádio, correio, fascículos. Há, no entanto, um salto muito grande entre essas formas de aprender e aquelas introduzidas pela revolução tecnológica, sobretudo o CD-ROM e a Internet. Os novos meios colocaram em polvorosa os produtores de materiais educativos, mas também assustaram os mestres em suas salas de aula de quadro e giz. Abriam novos horizontes e possibilidades nunca pensadas e atingiram as empresas num ponto crucial, neste momento, que é a qualificação da mão-de-obra. Treinar funcionários em módulos a distância parece ser a opção do momento. Mas nada está definido, nem há confiança absoluta nos meios. A sociedade do conhecimento ou da informação convive cada vez mais com estudantes adultos com restrições de tempo, e que preferem a informação disponível a qualquer hora em qualquer lugar. Empresas, instituições de ensino e governos buscam mais qualidade e menor custo. Investem substancialmente nessa busca, mas ainda não conhecem seus resultados. Daí a grande quantidade de cursos de pós-graduação, aperfeiçoamento, especialização anunciada na mídia. Daí a profusão de produtos educativos, cuja qualidade temos dificuldade de avaliar. Fátima Bayma de Oliveira, professora da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, especialista em Organizações e estudiosa de Educação (ela é mestre em Administração e doutora em Educação, autora de *Pós-graduação - Educação e mercado de trabalho*, Papyrus, 1995) e - neste momento - voltada para a questão da educação a distância, vem reunindo empresários e executivos para discutir os processos educativos e o impacto das novas tecnologias, tendo como pano de fundo as transformações do mercado de trabalho e a necessidade constante de novos aprendizados. Em abril, ela estará coordenando o seminário *Educação no próximo milênio e as novas tecnologias no ensino a distância*, que reunirá na FGV do Rio especialistas, educadores, empresários e representantes de governo para conhecerem e avaliarem as experiências mais significativas nesse setor. Em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**, a professora, sem deixar de lado sua origem - a sala de aula -, fala da importância dos novos meios e do papel a eles reservado nesta sociedade.



ANA LAGÔA (\*)

**- Na era do aprender permanente, como se diz hoje, onde se encaixam a tecnologia e a educação a distância?**

- A educação a distância não é algo novo. Ela ganhou nova dimensão com as novas tecnologias - a Internet, os CD-ROMs - mas é muito mais ampla e muito anterior a isso tudo. Basta lembrar a experiência da Open University, que é de 1969, bem-sucedida, mas que utiliza formas tradicionais de comunicação, como o correio. E as experiências que não exigiam diplomas para aceitar o aprendiz. A educação a distância abarca "n" formas e meios de se facilitar a educação.

**- Mas hoje não há um predomínio da tecnologia?**

- Isso precisa ser muito bem entendido por quem está lidando com educação a distância, porque os meios nunca podem ser colocados à frente do projeto pedagógico. Esses meios têm que estar associados ao público que se vai formar, ao que se pretende ensinar. Se eu vou fazer um projeto de educação voltado para a criança, é preciso, por exemplo, um certo cuidado, pois é um momento em que têm muita importância o exemplo, o olhar, o sorriso, a comunicação direta. Ou seja, o que chamamos de ensino presencial. No entanto, se essa forma não é possível, embora sendo a mais adequada, indiscutivelmente tecnologias

como a do rádio ou da televisão podem ser válidas, como em muitas experiências bem-sucedidas aqui e em outros países. Mas, na educação infantil, eu pessoalmente vejo que é necessária uma dose muito maior da presença do professor. Quando se vai passando a outros níveis, esse contato também é importante, mas não na mesma intensidade. No entanto, as ferramentas jamais devem substituir o professor; elas devem ser sempre complementares.

**- Costuma-se questionar a educação a distância - entre outros fatores - pela questão da avaliação. Ela é mais frouxa mesmo, ou isto faz parte do preconceito?**

- A questão da avaliação é um dos nós da educação a distância. Como há muito preconceito contra a educação a distância, como se fosse algo fácil, a avaliação deve ser muito mais rigorosa do que no ensino convencional. E deve ser presencial.

**- Outra questão é o investimento, não?**

- Hoje temos vários tipos de educação a distância: via correio, pela televisão, pelo CD-ROM e a explosão da Internet, que está fazendo com que os órgãos oficiais, as empresas, se deem conta dessas possibilidades. A tecnologia saiu na frente, e ainda estamos com aquela sensação de que sabemos pouco. Por mais que vejamos muitas experiências por aí, continuamos com essa sensação. Ainda é difícil quantificar que investimentos fazer nesse

campo, porque para começar um projeto precisamos de um investimento alto, mas não sabemos quase nada sobre as etapas seguintes. Sabermos que tudo está sendo afetado pela tecnologia, nada passará ao largo desse processo, mas não temos ainda como avaliar com certeza, projetar com certeza. E não é só na educação. Isso está acontecendo em todas as áreas.

**- Há também a idéia de que cursos a distância são pacotes fechados, prontos, que abrimos em casa e temos que digerir de alguma forma e devolver um questionário preenchido. Não é assim?**

- De fato, o grande desafio da educação a distância hoje é reverter essa idéia. Até porque a população que busca uma educação, uma aprendizagem, ou por conta própria ou pela empresa, está muito mais exigente. Quando vamos desenvolver um CD-ROM, temos que ser muito mais criativos, temos que montar uma equipe com profissionais que também estão aprendendo, justamente para não se conceber um pacote alheio à realidade das pessoas que querem estudar.

**- Quer dizer, então, que não há apenas uma incorporação da tecnologia? Está havendo também uma mudança no profissional da educação?**

- Claro. Sem jamais abrir mão do professor, a concepção de um produto educativo com as novas tecnologias exige muito mais que desenvol-

ver uma apostila, um texto, ou um roteiro de documentário. É preciso uma equipe interdisciplinar, exige o artista, o técnico, o analista, o educador, o pedagogo. Na produção de um CD-ROM existem aqueles atalhos, e eles não são aleatórios, têm que ter coerência, suprir a ausência do olhar, do riso, do tato. Esse é o enorme desafio. E ele é cada vez maior porque agora temos demanda na graduação, na pós-graduação, entre executivos. E nós ainda não temos esses profissionais. Temos os artistas, que vão pelo caminho da estética; temos o professor, que pode até ser um grande mestre; e o pessoal da informática. E estamos ainda naquela fase da busca de talentos, porque o profissional para formar a equipe de produção de materiais para educação a distância não existe no mercado.

**- Essa ausência de especialistas nesse tipo de produto não pressupõe o risco de chegarmos a um predomínio da técnica em detrimento do pedagógico?**

- Sim, corremos esse risco, e ousar dizer que até se pode perceber uma tendência de predomínio da tecnologia sobre o pedagógico. Nós, educadores, não podemos deixar que isso aconteça, porque senão a idéia da educação pode ser comprometida. A tecnologia não pode prevalecer.

**- Quando falamos de tecnologia na educação, entre os docentes - quer seja na universidade, quer seja na escola - há, em geral, rejeição à idéia de utilização dos meios. Os professores acham que se deixarem a tecnologia entrar na sala de aula serão expulsos por ela. Como você vê essa tensão entre o mestre e a máquina?**

- A tecnologia, como eu dizia, não pode ficar à frente. Eu vejo cada vez mais a necessidade da presença do pedagogo e do professor de disciplina nessas equipes. Em vez de descartar o professor, o processo deve integrá-lo. Para termos produtos bem feitos, para falarmos de qualidade, temos que atender cada vez mais aos altos padrões exigidos por aqueles que estão sobrevivendo a estes tempos, e colocando suas economias, investindo no aprendizado. As pessoas estão atrás de qualidade e redução de custos ao mesmo tempo. Existem muitas equipes operando, produzindo e, como se trata, como eu disse, de uma busca que vai durar enquanto durar a corrida tecnológica, resolvemos reunir essas equipes, essas experiências, num painel que se realiza agora em abril - *Educação no próximo milênio e as novas tecnologias no ensino a distância* -, justamente para ver como eles estão trabalhando e promover a troca de experiências, de saberes que estão se fazendo nessa prática.

**- Hoje existe uma profusão de produtos nas bancas de jornais, nas livrarias, em formato de CD-ROM. Muitos com propostas educativas. Essa popularização do meio é educação?**

- São produtos de mídia. Tanto esses produtos como a fita de vídeo, que é mais barata, não podem ser tomados isoladamente. Eles só são educação se inseridos numa proposta, num determinado momento, numa aula, num projeto conseqüente.

**- E no caso da Internet, também tem que haver uma proposta pedagógica?**

- Sim, claro. Porque a pessoa navega, navega na Internet... mas, pergunto, com que propósito? Com que seqüência, em que momento? São recursos, meios, ferramentas, e precisam estar integrados com o público. E precisamos saber com quem estamos falando: com um executivo, com um adolescente, com um estudante...

(\*)E-mail: mascia@openlink.com.br

Continua na página 2



# “Vai prevalecer o humano”

– Então você não acredita nessa educação auto-instrucional como uma das características da era do aprender permanente?

– Mesmo sendo uma educação por iniciativa própria, esse sozinho é relativo, porque a pessoas têm que ter pontos de referência. Se você entra numa Aulanet, por exemplo, por trás daquele produto existe toda uma coerência, uma sequência, o trabalho de uma equipe, que define a entrada de imagens, dos textos, das falas. E não podemos perder de vista, nunca, o contato com o humano. Há coisas que, por mais que a tecnologia avance – como videoconferência, vozes, câmeras –, não podem ser substituídas. Nada disso substituiu os momentos mágicos, momentos lúdicos, momentos humanos que ocorrem no contato, na sala de aula, e que estão intimamente relacionados com a questão do aprendizado. Sem o contato humano, temos tecnicismo, instrução, adestramento e empobrecemos a idéia de educação. Eu não vejo como descartar este ou aquele meio de ensinar. Até um professor não-capacitado pode ser pior que um vídeo. Os meios são complementares. Mas se, em algumas situações não é possível reunir a tecnologia e o professor presencial na sala de aula, que pelo menos os produtos utilizados tenham essa coerência pedagógica. O razoável é melhor que nada.

– Mas não há situações em que a tecnologia preencha as necessidades?

– Claro. Por exemplo, uma teleconferência de profissionais da medicina sai muito mais em conta e pode reunir mais especialistas do que num congresso, que implica viagens etc. Mas eu sempre tendo a resgatar o humano. – Por que você, professora de Organização aqui na FGV, acabou entrando nesse caminho da educação e da educação a distância?

– Nós começamos a nos preocupar com essa idéia da tecnologia ir muito à frente e assumir o controle. E montamos, por isso, o curso de educação para discutir exatamente esse momento de transição tecnológica, como usar os meios, quais nossos objetivos como educadores. Esse curso é voltado para professores, professores da área de treinamento e de diferentes níveis, e para a área de tecnologia que quer compreender melhor a parte da educação.

– Quais os segmentos mais resistentes às novas tecnologias?

– São os que têm dificuldade de lidar com a tecnologia e não aceitam que a tecnologia chegou para ficar, e temos que lidar com ela. Não são só os professores, há executivos que dizem: eu sempre vivi sem isso e fui bem-sucedido. Bem, se ele está ganhando, não é uma questão de não mexer no time, mas prepará-lo para mudar e continuar ganhando. Não adianta comprar uma enormidade de equipamentos e não saber utilizar. Aí a tecnologia mais atrapalha do que ajuda. Agora, se na empresa a tecnologia tem um impacto imenso, alterando gerenciamento e produção, na educação esse impacto é muito mais amplo, pois atinge o meio social, a comunidade, o futuro dos grupos e dos indivíduos como cidadãos.

– A tecnologia afasta as pessoas?

– A tecnologia sempre tem no mínimo duas facetas. Ela tanto pode afastar as pessoas como aproximá-las, como nos fazer olhar para o outro. Por exemplo, quando se trabalha em rede e cada máquina depende da outra, cada pessoa

precisa levar o outro em conta. Quem trabalha em rede sabe disso. Nas organizações virtuais, em que as pessoas não se vêem, lá pelas tantas as pessoas acabam querendo se ver. O humano acaba prevalecendo. E acredito que cabe ao educador, neste momento, aproximar o humano da máquina, mostrar os benefícios, mas também mostrar que a tecnologia não é soberana, que devemos manter o contato.

– Como você analisa o profissional viciado em trabalho?

– O que me preocupa é a pessoa ter orgulho em se definir como *workaholic*. Aqui voltamos para a questão da educação: eu acho que a educação tem que desenvolver a idéia do *lifeaholic*, em que o trabalho é apenas uma dimensão da vida. Uma dimensão importante, mas apenas uma delas. O viciado em trabalho acaba entrando em estresse, perde produtividade e a dimensão do humano. Para produzir mais, para garantir sua permanência no mercado de trabalho, é preciso

substituir a noção de *workaholic* pela do *lifeaholic*. Trabalho, sim, mas com margem para se atualizar, resgatar o afetivo, o respeito humano e ter, também, uma ação social.

– Falamos dos que têm acesso às novas tecnologias. E a exclusão de largas faixas da população?

– Nós temos, sem dúvida, essa preocupação. Tanto que há algumas disciplinas e palestras para se tratar do que chamamos de gestão social, não só mostrando que nesse mundo extremamente complexo devem surgir novas formas de organização como as ONGs, por exemplo – que fazem parte deste momento de um maior grau de consciência –, mas também tratando de discutir a necessidade de um maior grau de responsabilidade social da empresa.

A empresa ganha em imagem ao pensar na sociedade que a cerca. Muitas já investem nisso. Nunca se treinou tanto como atualmente. Veja a quantidade de cursos anunciados na imprensa – e muitos deles são pagos pelas empresas. Além disso, neste momento de brutal enxugamento do trabalho, nos cursos deve-se passar uma mensagem para que os executivos, os empresários, ao terem necessidade financeira de desligar uma pessoa da organização, tentem dar um horizonte a essa pessoa. Em muitos casos o indivíduo sai da empresa e acha que o problema era ele. A auto-estima cai e ele não consegue retomar sua vida, procurar trabalho. O papel educativo amplo das organizações, nesse momento, é maior ainda, pois devem dar a essas pessoas poder para se recolocarem, se revalorizarem.

– E como isso pode acontecer?

– O profissional de RH, com uma palavra, pode ajudar essas pessoas. Infelizmente, o problema é que nossas gerações, neste momento, estão tendo que presenciar e viver transformações como jamais aconteceu. Você estudava, tinha um diploma, tinha a carreira garantida e isso tudo está mudando. As pessoas perdem a referência. Por outro lado, as organizações também podem investir em requalificar seus empregados e mantê-los, em vez de procurar outros, num mercado de mão-de-obra que também está em transformação. Temos o desemprego, por causa das mudanças e dos problemas econômicos, mas a tecnologia processa também uma destruição criativa. Inúmeros empregos estão desaparecendo, mas outros estão surgindo.

## Seminário na FGV

Pensar o que tem sido feito e o que fazer daqui para frente diante das rápidas transformações tecnológicas e das necessidades cada vez maiores de uma educação adequada aos novos tempos. É este o objetivo do seminário *Educação no próximo milênio e as novas tecnologias no ensino a distância*, que a Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (RJ) realiza durante todo o mês de abril, reunindo especialistas, representantes da área educacional do governo, educadores, mas principalmente profissionais que estão atuando e construindo alternativas na interface da comunicação com a educação. Para facilitar o acesso daqueles que dispõem de pouco tempo, os encontros serão às quintas e sextas-feiras a partir das 18h30.

Estarão sendo analisadas experiências como o *Learning Space*, da IBM, que faz educação a distância pela Internet; o projeto do Grupo Positivo, do Paraná; a Escola do Futuro, da Universidade de São Paulo; as tecnologias Aulanet e Maxwell;

projetos como os da Universidade Federal de Santa Catarina, da Petrobrás, da Universidade Virtual e da TV Futura; e a formação profissionalizante a distância proposta pelo Senai. O seminário estará homenageando – no dia 30 de abril – o professor Newton Sucupira, que participou diretamente da polêmica reforma universitária da década de 70.

O seminário faz parte do curso de pós-graduação Novas Tecnologias na Educação e no Treinamento Empresarial, que também terá início em 8 de abril. Este curso destina-se a profissionais graduados que pretendam atuar no magistério superior ou em programas de treinamento nas empresas utilizando as novas tecnologias na educação. Inscrições até 30 de março.

**Informações:**

**Secretaria Geral da Ebap**  
(021) 536-9477/9119

**Fax:** (021) 536-9132/551-4349

**e-mail:**

**fbayma@fgv.br e liarib@fgv.br**

**Home page:**

**www.fgv.br/notec.htm**